

UMA PESQUISA COM A REDE IMAGENS, GEOGRAFIAS E EDUCAÇÃO: TRAÇAR UM PROCEDIMENTO-ACONTECIMENTO

Ana Maria Hoepers Preve
UDESC
anamariapreve@gmail.com

Resumo

Esta escrita é um movimento sobre o material de pesquisa de meu estágio pós-doutoral. Aqui o mesmo material foi retomado, reorganizado, mais uma vez percorrido para que eu pudesse extrair dele outra de suas porções invisíveis. Olho em especial para o seu procedimento, sobre o modo como foi feito, e como posso experimentá-lo mais um pouco quando pensado não apenas como procedimento metodológico, mas que o procedimento metodológico reúne elementos que podem constituir um dispositivo. Por dispositivo quero dizer de um funcionamento de estratégias (conjunto de regras) para produzir outros modos de ver o espaço, situações, coisas e funcionamentos de pesquisa-escrita. A pesquisa foi realizada com base na criação de um conjunto de materiais bibliográficos disparados pelo currículo lattes dos coordenadores dos polos da Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação. O acesso aos materiais e um certo uso que se fez deles é o que caracteriza a noção de dispositivo aqui disposta para compor com o encontro da Rede “pensar e fazer com os dispositivos”. O texto oriundo do relatório de pesquisa resulta de tentativas para constituir um movimento de pesquisa com as cartografias intensivas.

Palavras Chave:

Rede de pesquisa; dispositivo; pesquisa como criação.

DISPOSITIVOS

Dispositivo pode ser um procedimento de filmagem, o modo como um cineasta cria um método para filmar algo que escape de um contexto geral sobre as coisas que escolhe, um lugar, um país, um edifício, um casamento, uma religião... Consuelo Lins (2004, p. 101-102) diz sobre o trabalho de Eduardo Coutinho que: “filmar dez anos, filmar só gente de costas, enfim, pode ser um dispositivo ruim, mas é o que importa em um documentário. [...] São formas frágeis, que não garantem a existência de um filme nem a sua qualidade, mas é um começo, o único possível para o diretor”.

Entre muitas maneiras de dizer sobre dispositivos essa me parece adequada aqui. A situação de controle do modo de fazer cinema onde algumas regras estariam fixas para as filmagens, ‘filmar só gente de costas’, mas se seguimos o movimento deste mesmo texto do grupo de pesquisadores do Fórum Nicarágua onde há toda uma discussão sobre a pedagogia dos dispositivos logo percebemos que a linha de algo fixo, de uma escolha que estabelece limites é apenas o começo da conversa sobre as potências do dispositivo. Dentro dessa mesma discussão podemos dizer que ao invés dele ser pensado como um método de trabalho rigoroso

por sua condição de prisão ao procedimento primeiro ele é antes e muito mais como um operador na realidade mesmo. Portanto, há condições fixas, dadas inicialmente, mas elas estariam atuando (ou fazendo alguém atuar) num regime diferente ao controle do procedimento; estas condições dadas seriam aquilo que o pesquisador se agarra para poder se soltar quando algo novo lhe atravessar o corpo fazendo fugir o dado, a linha fixa, o pesquisador. Quando ele permite ser arrastado pela avalanche das pesquisas-vida pois que pesquisar é experimentar um tanto de instabilidade da vida.

AQUILO QUE SE REPETE É O QUE CRIA O CHÃO DA REDE

“Podemos avançar na problematização do tema das diferentes linguagens no ensino da geografia, tratando as linguagens não somente como componentes do ato comunicativo, mas também, e sobretudo, como viabilizadoras de novas produções de mundo. E seguir nesta problematização implica, necessariamente, em questionar o próprio conteúdo do processo comunicativo. Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço.” (Oliveira Jr. e Girardi, 2011, p. 4)

É UM COMEÇO, O ÚNICO POSSÍVEL PARA O PESQUISADOR

Conforme a proposta no projeto de pesquisa pensado antes do seu acontecimento ela tinha como um dos procedimentos a verificação *in loco* dos modos de fazer da rede, mas, diante da impossível possibilidade de deslocamento dado um quadro de saúde frágil causado por crises de ansiedade, depressão, ... e, depois agravado pela pandemia do Covid 19 a rota do plano pensado foi readequada numa longa conversa atenta e sensível com o supervisor. O que apresento tem como base a experimentação particular no grupo de professores e professoras coordenadores dos Polos da Rede Imagens, Geografias e Educação por meio de seus Currículos Lattes durante meu estágio pós doutoral na Unicamp¹. O trabalho consistia em fazer incursões pela bibliografia base e pelos textos dos coordenadores dos polos selecionando trechos. A seleção de trechos foi uma maneira de dar conta da vastidão do currículo lattes já que este reúne produções da vida acadêmica dos professores-pesquisadores. Como tudo tende ao vasto fazia essas marcações para reduzir meu campo e assim não tinha medo de enfrentá-los, considerando as crises de ansiedade. O sublinhado tornava palpável, formava um pouco de terra para que eu pousasse sem sentir tanto medo.

¹ Pesquisa realizada sob supervisão do Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Junior entre agosto de 2019 e julho de 2020.

O trabalho como um todo mostra as impossibilidades de me mover no espaço extensivo. Um dos aprendizados deste momento me fez ver que projetos são projetos, e o que vem depois outra coisa, outros projetos. E que afastar-se dele não quer dizer que a pesquisa não aconteceu, mas que dele proliferou algo imprevisível. Como um jardim, como uma horta, como um canteiro, como uma floresta, os projetos também são vivos, e por isso não são independentes dos meios, eles se movimentam como corpos vivos. E um meio, como diz Deleuze (1997, p.73), é feito “de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos”.

Da intenção de visitar *in loco* para captar de que modo a noção de cartografia acompanhou os trabalhos de pesquisadores da Rede e perceber os desdobramentos e as singularizações desta noção em cada polo da Rede, passamos a pesquisa sem deslocamento no território, para captar de outro modo o que se passa com a noção de cartografias que aparece nesta pesquisa. Há muitas variações nos usos: desde trabalhos específicos em que a cartografia é usada com sentido metodológico, noutras, com sentido de educação cartográfica, até aquelas em que é usada como conceito geográfico e como conceito filosófico para tratar da produção de mapas considerando nesta os dois sentidos de mapa: os extensivos e os intensivos.

A base usada para a pesquisa foi, portanto, a plataforma lattes, com foco no currículo do pesquisador coordenador do polo entre os anos de 2009 e 2019. O ano de 2009 marca o início da Rede. Destes currículos do coordenador extraía as produções enquadradas nos itens: projetos de pesquisa, orientações de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, e todas as publicações do período citado. Organizei essas produções individuais como documento no Word. Cada polo um documento que passei a chamar de caderno 1. O material selecionado e armazenado no Caderno 1 foi impresso em folha A4 para que eu fizesse as leituras sempre no papel, usando para marcar uma caneta marcadora verde. Depois de um tempo lendo, e com o texto marcado, refazia o percurso somente pela via que se formava com a marcação em verde. O verde naquele corpo de texto era o caminho vivo das minhas passadas. Relia esses caminhos mais de uma vez para perceber as palavras fortes, as repetições, as referências, as conexões e os nomes. Com essas leituras iniciava a escrita sobre os Polos. O que parecia servir pouco a uma composição abriu em mim uma vontade de fazer o movimento da pesquisa acadêmica: passei a ler outros textos a partir da pesquisa no lattes, passei a escrever sobre o material a partir desta pesquisa. Além do que o percorrer me trouxe muitas memórias vivas dos coordenadores dos polos, memórias que me solicitavam leituras de textos escritos pelos coordenadores em outras épocas, que acionaram lembranças de encontros da Rede, de encontros antes da Rede, de palestras, de mesas de bar, de músicas, de uma voz, de uma roupa, de conversas soltas, de sotaques. Com isso tudo, era como se estivesse no meio de *um meio* feito do que compõe os meios: ‘qualidades, substâncias, potências e acontecimentos’. E, mais uma vez como nos diz Lins citado acima: “filmar dez anos, filmar só gente de costas, enfim, pode ser um dispositivo ruim, mas é o que importa em um documentário. [...] São

formas frágeis, que não garantem a existência de um filme nem a sua qualidade, mas é um começo, o único possível para o diretor”.

O texto construído sobre os polos chamei de mapa. Uma mistura escrita com os termos, as expressões recorrentes, com as noções mais usadas nos polos, os nomes de lugares, de comunidades, de pessoas do grupo, de escolas, de autores e demais presenças fortes para mim. Para a elaboração desses textos-mapas, usava as marcações em verde, as anotações nas bordas das páginas, lia e relia por algumas vezes. O contato com as marcações desencadeava meus movimentos, e, desse movimento proporcionado pelo contato com o Caderno 1, seguia a pesquisa para outros textos do coordenador do Polo, por um texto de um autor recorrente no polo, para uma música, uma imagem, uma lembrança. O currículo lattes funcionou como um desencadeador dos encontros.

Reuni essas informações e com elas organizei um mapa [afetivo] dos polos. A cartografia foi o modo de ver-percorrer a plataforma lattes, de promover as extrações, de reuni-las, de agenciá-las a outros materiais compondo uma imagem outra do polo, permeada pela subjetividade do pesquisador. Tudo extraído de um campo conhecido, de um campo endurecido e programado, estável, fixo, de uma grade de dados, um campo extensivo – o currículo lattes.

É preciso lembrar que o extensivo não se opõe ao intensivo. O intensivo é o que passa, algo que passa por aquilo que já está aí. Um modo diferente de olhar, que depende muito mais de um estado e não de uma estrutura que o prepare dando as dicas sobre como deve ser olhado um mapa para que ele se constitua como intensivo.

Pode-se dizer que o currículo lattes apresenta a vasta paisagem extensiva na qual o pesquisador, por meio de sua produção acadêmica, está inserido. Com o intuito de conhecer o pesquisador do Polo, percorri as páginas de sua produção guiada pelo desejo de produzir pequenas paisagens. Pequenas paisagens com suas linhas de intensidade e suas forças, que tornam possível um fazer em grupo: como o pesquisador do Polo configura geograficamente um polo, faz suas conexões e agenciamentos e com isso produz uma força com alguns caminhos para fazer fugir uma imagem estabelecida e já dada do que é considerado majoritariamente o trabalho com imagens, geografias e educação no âmbito da educação geográfica.

MAPA DOS MAPAS AFETIVOS²

O conjunto destes mapas perfaz a cartografia da Rede, apresentando as linhas mais intensas de seus combates e continuidades em torno das potências das imagens na educação em particular. Desta cartografia emerge, uma rede plural, afetada pelos ‘problemas’ de cada lugar, conceituado na pesquisa, a partir de Doreen Massey (2008), como uma “constelação

² Esta sessão do texto foi extraída diretamente de uma parte do parecer do supervisor prof. Wenceslao Machado de Oliveira Junior para o Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral entregue a UNICAMP em agosto de 2020.

heterogênea de trajetórias humanas e inumanas”. Dessa forma, evidencia-se, por exemplo, o ‘problema’ da fronteira somente no polo Dourados-MS, único localizado próximo às fronteiras brasileiras, bem como os ‘problemas’ dos direitos humanos como articulador do polo Monteria (Colômbia), situado em região de muitos conflitos. Por outro lado, evidencia-se que os ‘problemas’ do lugar se conjugam com os ‘problemas’ que cada coordenador ou coordenadora, de polo se colocou em suas pesquisas, algumas delas desenvolvidas em lugares muito distintos dos que foi atuar, sendo o caso mais marcante o do polo Xinguara-PA, em que a coordenadora teve sua vida acadêmica em universidades do Sul do Brasil pesquisando temas relacionados à África. Como compor este tema anterior com os ‘temas amazônicos’ que emergem do lugar é um vir a ser indefinido neste polo com menos de dois anos de Rede.³

Da mesma maneira que emerge desta cartografia as diferenças temáticas vinculadas às forças-trajetórias que configuram cada lugar e cada coordenador e coordenadora de polo, também emerge dela a grande diferença – de quantidade e diversidade de temas e pesquisas – entre polos situados em ‘universidades centrais’ – como UNICAMP (polo Campinas), USP (polo São Paulo) e UBA (polo Buenos Aires) – e polos situados em ‘universidades periféricas’, levando até mesmo à finalização de polos, como ocorreu na URCA (Crato-CE). Uma terceira linha que salta da cartografia da Rede é aquela que evidencia a fragilidade dos polos mais recentes – UFU (Uberlândia-MG), UFRN (Natal-RN) e UNIFESSPA (Xinguara-PA) – e o fortalecimento, em diversidade e quantidade de temas e pesquisas dos polos mais antigos, especialmente os da UFES (Vitória-ES), UDESC (Florianópolis-SC) e UFGD (Dourados-MS), onde os Programas de Pós-Graduação cresceram muito nos últimos dez anos.

Em meio as estas linhas que salientam as diferenças, emergiram linhas intensivas que aponta: 1. conceitos de filosofia da diferença, 2. metodologia cartográfica, 3. aproximações com a arte e 4. experimentações com imagens na interface com preocupações e conceitos geográficos. Interessante notar que, a despeito destas quatro características constituírem a linha intensiva que subjaz à grande maioria das pesquisas e escritos produzidos na Rede, a cartografia realizada mostra que persiste nela, minoritariamente, outras referências conceituais e outras metodologias utilizadas na área das Humanidades, realizando outros modos de lidar com imagens, sendo estas duas últimas características presentes em todos os polos.

A CARTA AOS POLOS

Cara coordenadora, seu trabalho de coordenação de um dos polos da Rede de Pesquisas Imagens, Geografias e Educação compõe o horizonte da minha pesquisa de pós-

³ O Polo Xinguara foi coordenado pela prof. Raphaela de Toledo Desidério entre 2018 a 2021. Atualmente a professora atua na Universidade da Fronteira Sul em Erechin/RS e, desde 2022, participa da Rede pelo Polo Sul em Florianópolis/SC.

doutorado intitulada ‘Cartografias intensivas em educação; quando um modo de fazer diz de uma geografia’ realizada sob supervisão do Prof. Wenceslao Machado de Oliveira Junior na Unicamp. Tem sido gratificante estudar o campo de atuação dos coordenadores dos projetos que integram esta rede. O que parecia ser uma estratégia quase protocolar e fria, mostrou-se uma fonte de informações bastante sensível do que eu poderia chamar de uma geopesquisa da rede (adaptando o termo geopolítica). Ou seja, é possível perceber pela análise dos currículos lattes dos coordenadores nuances metodológicas e teóricas, variações no uso dos conceitos, sensibilidade para determinadas questões, interesses de investigação quanto a grupos, pessoas, lugares, instituições, autores, linguagens etc. A Rede abriga grupos com diversos interesses e modos de atuação, desde os mais claramente formais, passando por aqueles que transitam entre pesquisa bibliográfica e pesquisa interessada em questões pulsantes na área de abrangência das instituições em que estão sediados, até pesquisas com evidente caráter propositivo em função dos modos e espaços de vida em que estão inseridos pesquisadores e suas comunidades/lugares. Envio o texto que escrevi a partir do estudo do seu currículo lattes. Você vai perceber, pelo material que envio, as liberdades que tomei, as associações que pude fazer, algumas inibições (minhas) e, espero, a atmosfera e algumas circunstâncias do meu processo de estudo e apreensão da sua produção formalizada no lattes. A intenção foi produzir um mapa das forças que atuam nos grupos que compõem a Rede, bem como das forças produzidas por esses mesmos grupos. Ou, ainda, mapear as influências recebidas por esses grupos, e o impacto de sua atuação nas redes das quais participa. A partir da sua leitura dessa produção, gostaria de marcar uma conversa via Skype ou qualquer outra plataforma para que você possa me dar um retorno e tecer seus comentários. Para além disso, sinta-se à vontade para me escrever uma carta, ou mensagem ou até mesmo reenviar-me o texto com notas de revisão e comentários. A conversa é um modo de olharmos juntos para o mapa que elaborei com base na sua produção e no que dela me afetou. Super agradeço pela sua disponibilidade e vontade de continuar traçando este mapa. Abraço bem forte, Ana Preve.

MAPAS [PARTE 2]

Com base no exposto e pensando que os dispositivos não param de gerar novos e infinitos outros deles os mapas que se desdobram desse movimento de pesquisa não cessam de se apresentar como possibilidades de criação em aberto. Os mapas gerados por ocasião do relatório de pesquisa são antes práticas do mapear e não são ações finalizadas que querem dizer ‘este é o polo’. Os polos de pesquisa da Rede apresentam singularidades que giram em torno do eixo que nos *enredou*, tal qual afirmam Oliveira Jr. e Girardi (2011, p. 4) “*as linguagens como viabilizadoras de novas produções de mundo*”. Como criadoras de um pensamento outro sobre o espaço, atravessadas, sempre, pelo modo como ocupamos, como percorremos, como pensamos e vivemos estes espaços. Os polos de pesquisa apresentam suas marcas e na linguagem que que utilizam dobram o mundo tornando visíveis, decididamente,

formas e forças. Cada um ao seu modo, cada polo a sua maneira tem produzido na direção de que as linguagens e as imagens podem mais do que o que está dado a elas pelos processos de escolarização ou pela educação geográfica maior.

É a prática de mapear, de gerar sempre novos mapas para desobstruir a força dos mapas maiores que tendem a tornar invisíveis as forças que compõem os espaços e que na linguagem maior não tem expressão. Como tornar visíveis camadas, sensibilidades, forças que ocupam os espaços, os grupos de pesquisa? A pesquisa sobre os polos não deixa de ser um procedimento de pesquisa que, com regras próprias, pode abrir-se ao acontecimento dos polos e do ato de pesquisar. Não deixa de ser uma pesquisa do acontecimento, e a pesquisa aberta ao acontecimento se pergunta: como é possível que alguma coisa de novo surja? Portanto, há condições fixas, dadas inicialmente, mas elas estariam atuando (ou fazendo alguém atuar) num regime diferente ao controle do procedimento; estas condições dadas seriam aquilo que o pesquisador se agarra para poder se soltar quando algo novo lhe atravessar o corpo fazendo fugir o dado, a linha fixa, o pesquisador quando ele permite ser arrastado pela avalanche das pesquisas-vida pois que pesquisar é experimentar um tanto da instabilidade da vida. Confiar no procedimento e se liberar para o acontecimento, eis o mote do que se viveu nesta empreitada e que se liga (ou ao menos começa a se ligar) ao sentido de dispositivo que se tem investido na Rede.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo. Editora:34, 1997.

A PEDAGOGIA DO DISPOSITIVO: PISTAS PARA CRIAÇÃO COM IMAGENS (Por Fórum Nicarágua) In. **Cinema-Educação: políticas e poéticas** / Cesar Leite, Fernanda Omelczuk e Luiz Augusto Rezende (orgs). – 1. ed. – Macaé: Editora NUPEM, 2021.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MASSEY, D. **Pelo espaço** – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR, W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA**, XI, 2011. Goiânia. Anais... Goiânia, 2011. p. 1-9.